



UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Adriana Machado de Oliveira Rodrigues

Avaliar, sim... mas como?

RIO DE JANEIRO
2009



UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Adriana Machado de Oliveira Rodrigues

Avaliar, sim... mas como?

Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado à
Faculdade de Educação da
Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro –
UNIRIO – para a obtenção
do título de graduação em
Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª Claudia de Oliveira Fernandes

RIO DE JANEIRO
2009

A quem acredita num mundo melhor
e não está sentado esperando por
este.

A quem apesar das dificuldades,
sorri. Apesar das injustiças, não
desiste.

Agradecimentos:

Monografia, mais que um trabalho de conclusão de curso de Pedagogia, é um trabalho de conclusão de uma etapa de curso da minha vida. Conclusão essa que simboliza o alcance de um sonho que começou a tantos anos: o sonho de ser pedagoga!

Não posso restringir meus agradecimentos apenas a quem participou deste trabalho quantos tantos foram responsáveis por eu chegar onde estou. Não posso restringir meus agradecimentos nem mesmo aos últimos 8 anos que podem ser capazes de contar a minha formação dentro da Faculdade de Educação, mas pouco dizem sobre a origem e a busca de um sonho. Seria também contraditório se só agradecesse quem esteve comigo dentro da sala de aula quando me tornei pedagoga em tantos outros espaços. Foram anos de muitas lutas, dificuldades... Por muitas vezes pensei em desistir, mas Deus me deu forças e hoje estou aqui.

Enfim, se hoje realizo um sonho, não o realizo por mérito próprio, mas pela participação de muitos sem os quais aqui eu não estaria. Agradecer é o mínimo que posso fazer pelo muito que recebi.

Percorrer este longo caminho só foi possível e significativo pelas muitas pessoas que estiveram ao meu lado.

Pessoas como os tantos professores que despertaram e mantiveram acesa a chama do meu sonho de ser professora ao contribuírem acrescentando valores na construção da idealização de um profissional da educação. Professores estes que negam muitas das coisas que este trabalho prega, provando-me que há sim espaço para resistência.

Eles me ensinaram o quanto um professor tem o poder de influenciar positivamente na vida de um aluno. De uma criança tímida, insegura e medrosa, a confiança que eles me passaram fez com que eu me fortalecesse, descobrisse o meu potencial, acreditasse mais em mim, desafiasse meus limites, lutasse pelo que eu acreditava. A convivência com eles me ensinou a importância do coletivo, do respeito ao outro, do admitir erros e pedir desculpas, do ajudar ao próximo. Fizeram-me ver que a educação não se resume aos conteúdos, sem deixar de me mostrar o valor dos mesmos. Abriam meus olhos para a importância da luta política e da prática social. Eles me mostraram que não é necessário existir uma relação hierárquica, e que, para o professor, basta-lhe a sua autoridade pedagógica, não precisa de nenhum autoritarismo. Provaram ser possível uma relação horizontal na qual os alunos têm voz e de onde podem surgir grandes amizades.

Pessoas como meus amigos. Aqueles que dividiram todos os momentos comigo das risadas aos choros. Sempre dispostos a me ouvir, aconselhar, debater e criticar também. Amigos os mais diferentes possíveis, de todas as idades, cidades, países, crenças e culturas. Realidades distintas que me trouxeram contribuições diversas. São pessoas que, mais do que acompanhar a minha vida, minhas mudanças, são responsáveis pelo meu crescimento pessoal. Amigos que estão sempre presentes, não importa a distância e nem o tempo, pois habitam no coração.

Pessoas que acompanharam meu ingresso na Faculdade, torceram por mim e hoje não estão mais aqui. Sinto muita falta da minha avozinha e minha tia. Como eu queria que elas estivessem aqui para ver minha vitória... Mas o meu consolo é saber que Jesus logo voltará e Ele promete ressuscitar todos aqueles que morreram na esperança de Seu retorno.

Pessoas como meus familiares. Como minha mãe e meu pai que dedicam suas vidas para que a minha possa ser melhor. Que se esforçaram para me oferecer uma educação de qualidade, me ajudaram no que foi preciso, e sempre, com muito amor por mim. Duas pessoas que me amam incondicionalmente e que apóiam as minhas decisões, mesmo que estas não sejam os sonhos deles, simplesmente por saberem que é o meu!

Meu irmão que apesar de todas as brigas durante muito tempo, me presenteou com meu sobrinho querido, o Miguelzinho.

Ao meu marido querido e grande amor da minha vida, que pacientemente esteve comigo em todos os momentos, me apoiando, me protegendo e fazendo por mim o impossível. Amo você! Obrigada por essa filhinha linda que você me deu.

A você, minha Gabizinha querida, que por muitas vezes não entendeu o porque mamãe tinha que deixar você novinha para estudar, mas que, quando eu voltava, me recebia com um sorriso lindo. Mamãe ama você!!!

Por fim. Com toda essa coleção de espaços e de pessoas, não posso deixar de agradecer a Deus pela vida, pela missão, pela confiança e pelo amor.

Acredito ter tirado muito proveito de tudo que o caminho que percorri me proporcionou. Hoje, me orgulho em me formar PEDAGOGA e estou consciente que o alcance de meu sonho não faz com que o mesmo acabe, mas apenas o traz para a realidade. A continuação do meu caminho, que me trouxe até aqui, eu darei prosseguimento não mais com o sonho de ser pedagoga em mente, mas como tenho vivido a cada dia. E, nessa confirmação, seguirei me formando e me transformando, sempre carregando os espaços e pessoas que até aqui cruzaram e me acompanham nesta trilha e recebendo os espaços e pessoas que estão por vir!

(...) talvez não tenhamos conseguido fazer o melhor, mas lutamos para que o melhor fosse feito (...) Não somos o que deveríamos ser, mas somos o que iremos ser. Mas graças a Deus, não somos o que éramos.

(Martin Luther King)

Resumo:

O objetivo deste presente trabalho foi mostrar ao leitor que avaliação deve ter uma visão além do tradicional, que focaliza o controle externo do aluno, mediante notas ou conceitos, através somente da prática da prova, para ser compreendida como parte integrante e intrínseca ao processo educacional. Ela deve ser compreendida como um conjunto das atuações, função de alimentar, sustentar e orientar que tem a intervenção pedagógica e não se restringir ao julgamento sobre sucessos ou fracassos do aluno.

A avaliação pode acontecer se forem relacionadas com as oportunidades oferecidas, analisando a adequação das situações didáticas propostas aos conhecimentos prévios dos alunos e aos desafios que estão em condições de enfrentar. Deve ser utilizada como instrumento tal, que possa fazer com que o professor absorva uma reflexão profunda e contínua sobre a sua prática, sobre a criação de novos instrumentos e a retomada de aspectos que podem ser revistos, ajustados ou reconhecidos como adequados para o processo de aprendizagem. Para o aluno, é instrumento de tomada de consciência de suas conquistas, dificuldades e possibilidades para reorganização de seu investimento na tarefa de aprender.

Se esta parceria acontecer, possibilitará a todos, ajustes constantes, num mecanismo de regulação do processo ensino e aprendizagem, que contribui efetivamente para que a tarefa educacional tenha sucesso.

Sumário:

Introdução	9
Justificativa	9
Objetivos	10
Referencial Teórico	10
Procedimentos Metodológicos	11
Capítulo 1 – Pensamentos e práticas avaliativas dentro do Colégio Adventista de Jacarepaguá	13
1.1 – <i>Breve histórico das entrevistadas na área educacional</i>	13
1.2 – <i>Recursos, procedimentos e instrumentos utilizados para avaliar o rendimento do aluno</i>	13
1.3 – <i>Forma de avaliação na Rede Adventista de Educação no Rio de Janeiro</i>	14
1.4 – <i>Histórico de Avaliação no Colégio Adventista de Jacarepaguá e na Rede Educacional Adventista</i>	16
1.5 – <i>Concepções de Avaliação Escolar</i>	17
Capítulo 2 – À procura pelo ‘Santo Graal’ – a pedagogia do exame e a nota com cerne de aprendizagem	19
2.1 – <i>Sadismo homeopático, a tortura nossa de cada dia – o poder da nota como instrumento de controle</i>	20
Capítulo 3 – A verdadeira educação lança fora o medo – Avaliação como acolhimento – incluindo o aluno dentro do círculo	23
3.1 – <i>Provas / exames e avaliação da aprendizagem escolar</i>	23
3.2 – <i>Alguns cuidados necessários com a prática da avaliação escolar</i>	24
3.3 – <i>Avaliação da aprendizagem como ato amoroso</i>	24
Considerações finais	26
Referências Bibliográficas	27
Espaço interativo: compartilhando ideias, construindo conhecimentos	28

INTRODUÇÃO

O ato avaliativo é algo presente em todo empreendimento humano. Estamos sempre julgando algo, a maneira de agir de alguém e etc. segundo nossa forma de ver a realidade, nossos valores ou nossos critérios próprios. No entanto, quando falamos em avaliação no âmbito escolar, algo que é tão natural passa a ser fonte de angústia, temor ou poder tanto para alunos quanto para professores, como diz Coelho Neto, “a educação pelo temor deforma a alma”.

Avaliar é um processo e, como tal, tem um sentido dinâmico de crescimento, de progresso. Não basta julgar o aluno; constatar se seu rendimento não foi o necessário, se ele não atingiu os aspectos considerados relevantes. Algo tem de ser feito para que ele aprenda, vindo a atingir as competências necessárias. É preciso, portanto, que o professor não só emita seu juízo de valor sobre as aprendizagens do aluno, mas também que ele defina que decisões devem ser tomadas no sentido de levar o aluno a atingir determinada competência.

JUSTIFICATIVA

Os constantes debates em torno da questão avaliação ou verificação instigaram-me a lançar um olhar investigativo sobre este tema. A presente pesquisa é fruto de minha identificação com uma disciplina chamada “Avaliação Educacional” (cursada em meu curso de graduação em Pedagogia) que abordava a temática estudada nesta pesquisa. É, a meu ver, um assunto extremamente importante porque nos auxiliará como educadores, a perceber através de nossa vivência, se realmente estamos praticando avaliação e como.

É um tema importante não só para a área em que estou atuando, bem como para outras áreas do conhecimento. Acredito que, através deste estudo, as pessoas que o lerem serão convidadas a reavaliar suas práticas e a forma como estão atuando em seu convívio profissional e acadêmico, e a analisar se a escola tem usado o sistema de notas ou conceitos para de fato avaliar o aprendiz ou simplesmente reprová-lo. Já que, como aponta Luckesi:

“em síntese, [...] a aferição da aprendizagem escolar é utilizada, na quase totalidade das vezes, para classificar os alunos em aprovados ou reprovados. E nas ocasiões onde se possibilita uma revisão dos conteúdos, em si, não é para proceder a uma aprendizagem ainda não realizada ou ao aprofundamento de determinada aprendizagem, mas sim para ‘melhorar’ a nota do educando e, por isso, aprová-lo” (2003:p.75)

OBJETIVOS

Ao discutir a problemática da avaliação, pretendo, neste trabalho, analisar na literatura disponível sobre o assunto, quais são as principais concepções de avaliação existentes. Em outras palavras: diferenciar avaliação de exames e classificá-la como ideal de autonomia do aluno (i.e., como forma de emancipação por meio de auto-avaliações).

Pretendo ainda identificar junto a professores(as) do 1º ao 5º anos suas concepções sobre avaliação e saber se existe algum tipo de incoerência entre aquilo que ele(as) apregoam e aquilo que praticam em seu viver pedagógico. Com isso, pretendo investigar onde reside a razão para uma possível discrepância entre o pensar e o agir pedagógicos, uma vez que, como diz a sabedoria popular “nada é mais perigoso que um bom conselho acompanhado de um mau exemplo”. Isso porque, “dar o exemplo não é a melhor maneira de influenciar alguém – É a única” (Albert Schweitzer). Além do mais, uma coisa é pensar sobre avaliação de uma maneira positiva e outra coisa é ter esse pensamento esmagado, tolhido por, dentre outros motivos a serem estudados, pressões burocráticas do sistema de ensino que, historicamente, tenta quantificar o saber e dessa forma, reforçando a concepção avaliativa que classifica, seleciona / exclui e (supostamente, como se fosse possível fazê-lo) mede o aprendizado.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para compreender melhor este tema, basta analisarmos as características básicas praticadas pelas escolas: de um lado, do ato de verificar (examinar), e, do outro, do ato de avaliar. Iniciemos pelos exames escolares. Em primeiro lugar, eles operam com o chamado desempenho final, ou seja, avaliação aqui é vista como mero produto da aprendizagem e não como um processo por meio do qual se constrói o aprendizado. Ao exame não interessa como o respondente chegou à determinada resposta, importa somente a resposta. Consequência dessa primeira característica, vem a segunda: em segundo lugar, os exames são pontuais e não levam em conta a história dos alunos, o que significa que não interessa o que estava acontecendo com o educando antes da prova, nem importa o que poderá acontecer depois. Por serem a-históricos, só interessa o aqui e o agora. Tanto é assim que, caso um aluno, num dia de prova, após entregá-la ao professor, dá-se conta de que não respondeu adequadamente uma questão, e ao solicitar ao mesmo uma possibilidade de refazê-la, não lhe é permitido. Alguns

professores, hoje atuantes em nossas escolas, não permitem que isso seja feito; mesmo que o aluno nem tenha saído da sala de aula. Os exames são cortantes, na medida em que só vale o aqui e o agora, nem o antes nem o depois.

Em terceiro lugar, os exames são classificatórios e punitivos, ou seja, classificam os educando em aprovados, reprovados ou algo semelhante, estabelecendo uma escala classificatória com notas que vão de zero a dez, como se fosse possível mensurar o saber. São classificações definitivas sobre a vida do educando e que tem como principal propósito determinar aqueles que serão laureados com a glória de passar para a etapa seguinte (que é a próxima série) e os que receberão como pena sofrer mais um ano revendo os mesmos conteúdos, como se isso fosse fazê-los aprender o que a escola julga que deveriam ter aprendido. Tais classificações são registradas em cadernetas e documentos escolares “para sempre”

Os exames são seletivos e excludentes (vide, como exemplo, o vestibular). Por serem classificatórios, os exames excluem grande parte dos educandos. Muitos ficam de fora. A pirâmide educacional brasileira é perversa; o aproveitamento de nossos alunos é estatisticamente muito baixo.

Por serem punitivos, os exames escolares têm servido, na maior parte das vezes, para disciplinar externa e aversivamente os alunos. E por exercerem o poder de classificar, vigiar, punir e excluir, os exames têm sido largamente utilizados como um recurso de controle impositivo sobre os educandos. Poderíamos e deveríamos tentar mudar este panorama, levando em conta o fato de a avaliação poder produzir resultados melhores caso fosse usada como análise do processo educacional. Pois, como bem pontua Luckesi, “o momento de aferição do aproveitamento escolar não é o ponto de chegada, mas um momento de parar para observar se a caminhada está ocorrendo com a qualidade que deveria ter” (Luckesi, 1998).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Uma pesquisa bibliográfica foi realizada com diferentes autores a qual analisei as principais ideias de cada um, tecendo algumas considerações a esse respeito, a fim de que o trabalho ficasse com diferentes vozes e pontos de vista sobre a mesma temática.

A pesquisa de campo aconteceu em uma escola da rede privada de ensino da zona oeste do Rio de Janeiro, em que professoras do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental participaram de uma pequena entrevista, em formato de questionário aberto, sobre avaliação escolar. Foram realizadas observações de campo no período e

para realizar a triangulação, foi feita também uma análise dos documentos que norteiam a concepção de avaliação da escola.

Capítulo 1. Pensamentos e práticas avaliativas no Colégio Adventista de Jacarepaguá

Este capítulo pretende trabalhar a ideia já comentada na introdução deste trabalho, ou seja, embora não concordemos com algumas práticas avaliativas, continuamos a reproduzi-las por não possuímos outras alternativas.

O capítulo está embasado em uma entrevista realizada com as professoras do 1º ao 5º ano do Colégio Adventista de Jacarepaguá e de uma discussão que aconteceu no conselho de classe do dia 20/10/09.

A opção por fazer um questionário com perguntas abertas foi tomada por não visarmos à antecipação de respostas e por querermos dar maior liberdade de expressão às opiniões das entrevistadas. Acreditamos que, desse modo, poderíamos obter informações mais enriquecedoras para a construção do cenário avaliativo.

A partir das entrevistas e observações, pretendemos apresentar os dados recolhidos no que tange a Avaliação Educacional, e tecer as possíveis análises para o propósito deste capítulo.

Feita a coleta dos dados por questionários, a etapa seguinte foi analisá-los.

1.1 Breve histórico das entrevistadas na área educacional

Como parte da pesquisa, cinco professoras foram entrevistadas. Desse total, quatro dizem gostar muito do que fazem e uma disse que só está lá por não ter outra opção. É formada em Direito, mas não exerce a profissão. Sendo que essa professora já trabalha por 16 anos na Instituição, somente com Classe de Alfabetização (1º ano). Além disso, uma professora já leciona há 23 anos e as outras 3 estão com menos de 5 anos de casa.

1.2 Recursos, procedimentos e instrumentos utilizados para avaliar o rendimento do aluno

Como estratégias de avaliação, as professoras optam por produções escritas (em grupos ou individuais), produções orais (leitura de textos), provas formais semanais (que, no entanto, nunca são apresentadas como única estratégia de avaliação, porém são

as que possuem maior peso), frequência às aulas e também observações no dia-a-dia. Podemos, então, montar o seguinte quadro avaliativo:

- Trabalho escrito individual
- Trabalho escrito em grupo
- Trabalho escrito individual com apresentação oral
- Trabalho escrito em grupo com apresentação oral
- Participação em aulas
- Dramatização sobre algum tema
- Discussão em classe sobre algum tema
- Autoavaliação
- Frequência

1.3 Forma de Avaliação na Rede Adventista de Educação no Rio de Janeiro

Por se tratar de uma Rede de escolas, a forma de avaliação não foi definida na escola, mas na Entidade Mantenedora. Tal entidade mantém sua sede na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, e é responsável pelas seguintes escolas que compõem a rede:

- No subúrbio da cidade (uma escola de Ensino Infantil)
 - Colégio
- Na Baixada Fluminense (duas escolas de Ensino Fundamental)
 - Nova Iguaçu
 - São João de Meriti
- Na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro (três colégios)
 - Campo Grande
 - Jacarepaguá
 - Padre Miguel

Sobre a forma de avaliação, um novo problema surgiu a partir do 3º bimestre e tem causado grande polêmica na escola. Foi implantada uma prova unificada para todas as escolas da Rede. Antes, o modelo de avaliação era idêntico àquele presente na grande maioria, senão na totalidade de nossas escolas: cada professora fazia a sua própria prova. Acontecia, inclusive, de as professoras da mesma série, (que trabalham em turnos diferentes), não aplicarem provas iguais. O fato novo é que cada professora, de cada

série, de cada uma das 5 unidades escolares, ficou responsável por elaborar uma prova e enviá-la para a coordenadora geral. Desse modo, após aprovação ou solicitação de alteração da prova por parte da coordenadora, só então a prova seria encaminhada para as escolas. Como resultado preliminar, em média, 75% dos alunos (de todas as unidades escolares) tiveram suas notas abaixo do normal após realização desse novo modelo de provas.

Em uma reunião regular de Conselho de Classe, realizada no dia 20/10/2009, houve uma discussão acalorada entre a coordenadora geral e os membros do corpo docente, pois os professores não estão satisfeitos com esse novo modelo de avaliação proposto. Segundo suas primeiras impressões, os professores estão percebendo que esse novo padrão de exame não está surtindo os efeitos desejados, e a coordenadora, no entanto, mostra-se irredutível. Algumas provas, dentre as que temos recebido, não estão de acordo com o conteúdo estudado naquele bimestre, além de a linguagem estar totalmente diferente daquela utilizada por cada professor em sua prática individual. E mesmo assim, somos obrigados a aplicar a prova e não podemos aplicar nenhuma outra avaliação que não seja a escolhida pela coordenadora geral.

Nessa mesma reunião do dia 20/10/2009, a coordenadora geral expôs sua visão sobre a questão:

“Antes era uma bagunça. Cada professor fazia o que queria, mas agora vai ser diferente. Não adianta discutir. Vai ser assim e acabou”.

O que percebo é que, infelizmente, a avaliação classificatória está completamente enraizada em toda a Rede na pessoa da coordenadora pedagógica que constantemente pressiona os professores. Isso me entristece, pois concordo com Villas Boas quando diz que:

avaliar é necessário. Ter indicadores de avaliação que apontem a situação de cada aluno, de cada escola e de cada município é fundamental. Mas o principal objetivo disso é ter como foco a aprendizagem não somente dos alunos, mas também de professores. (Villas Boas, 2008: p.19)

1.4 Histórico de Avaliação no Colégio Adventista de Jacarepaguá e na Rede Educacional Adventista

Toda essa problemática no que tange a avaliação unificada é algo relativamente recente. Até bem pouco tempo, as avaliações no Colégio Adventista de Jacarepaguá (CAJ) em nada diferiam das avaliações praticadas em outras escolas. No entanto, a partir de 2006, um novo sistema foi implantado a partir da ideia de um dos membros do corpo docente. Pelo fato de trabalhar em uma outra rede de escolas que já utilizava um modelo de provas diferenciado, um professor de Física sugeriu à direção e à coordenação do CAJ que fosse implementado um novo tipo de teste. Teste no qual os alunos, ao invés de realizarem provas que variavam na forma e na periodicidade, realizariam testes semanais (TS) com dia, hora e duração marcados desde o início do ano letivo. Desse modo, todas as sextas-feiras, os alunos de Ensino Fundamental Maior e Médio fariam testes de uma ou mesmo duas disciplinas, o que os levaria a ter um programa semanal de provas. Ao final de cada bimestre, todas as disciplinas seriam contempladas com dois testes, um a cada quatro semanas. Como toda novidade traz consigo incertezas, dúvidas, críticas e questionamentos, esse novo modelo sofreu alguns reveses, mas se manteve firme e resistiu ao exame.

Com o passar do tempo, o sistema de testes semanais do CAJ passou a ser objeto de desejo da coordenação da rede de escolas. Então, no ano seguinte (2007), ele foi implementado no Ensino Fundamental Maior de todo o sistema educacional Adventista da Baixada e de parte da cidade do Rio de Janeiro, nas escolas acima citadas. Esse foi o primeiro passo para a unificação da forma de avaliação da rede Educacional Adventista.

No ano seguinte (2008), algumas turmas de Ensino Fundamental Menor também adotaram o sistema de TS. Alunos que estavam acostumados a fazer provas sem um calendário previamente definido, tiveram que se habituar, já desde as séries iniciais, a seguir um cronograma idealizado não para crianças, mas sim para adolescentes e jovens.

A partir do corrente ano, a tentativa de unificar as avaliações em todas as séries tomou corpo, forma e conteúdo. Tanto as turmas de Ensino Fundamental Menor (1º ao 5º anos), Maior (6º ao 9º ano) como as de Ensino Médio passaram a realizar testes semanais. E com uma diferença substancial: todas as escolas deveriam aplicar as mesmas provas. Daí surgirem as reclamações discussões e discordâncias já mencionadas.

O que podemos perceber, em todo esse breve histórico, é o aprofundamento da avaliação classificatória, seletiva e excludente, “instrumento de controle da oferta e do aproveitamento de oportunidades educacionais e sociais e de dissimulação de um processo de seleção” (Soares, 1981: p.47). Processo este que começa a configurar-se já nas séries iniciais. A avaliação, nesse sentido, tem sido compreendida como procedimento através do qual se mede com neutralidade a realização dos objetivos do currículo escolar, identificado como o conhecimento socialmente relevante e necessário.

1.5 Concepções de Avaliação Escolar

Embora o clima não esteja dos mais harmônicos entre os profissionais por conta de todo esse novo panorama, as professoras entrevistadas têm uma boa concepção do que possa ser avaliação escolar e, pelo que pude perceber, só não a praticam por falta de oportunidades. Percebo isso em seus depoimentos, quando cada uma delas definiu, em poucas palavras, o que era Avaliação Escolar.

O texto final ficou assim redigido:

- *Avaliação é o processo que envolve dois sujeitos de sala de aula: o professor e o aluno.* (Simone, professora do 5º ano, formada em Pedagogia, atuando há 4 anos na Educação)

- *Ponto privilegiado para analisar o processo ensino-aprendizagem, sendo um processo que permite analisar o desempenho acadêmico dos alunos e professores.* (Angélica, professora do 2º ano. Pós-graduação na área de Educação, formada em Direito e atualmente está cursando o 5º Pedagogia. Atua há 3 anos na Educação)

- *Crescimento futuro para professores e alunos.* (Alana, professora do 3º ano. Esse é seu 1º ano na área de Educação e está cursando o 2º período de Pedagogia à Distância)

- *Momento em que descubro como está o aluno. Se está adquirindo /construindo conhecimento e reflexão sobre a aprendizagem decorrido durante o curso.* (Marluce, Pós-graduação em Educação, formada em Direito. Atua há 16 anos na Classe de Alfabetização – 1º ano)

- *Avaliar é aprendizagem. Enquanto se avalia, se aprende e enquanto se aprende, se avalia.* (Claudia, professora de 4º ano, atuando já há 23 anos na Educação e que já fez monografia sobre o tema Avaliação Educacional)

Pelo que pude constatar, existem incoerências sobre suas concepções de avaliação, entre aquilo que apregoam e o que praticam. Não porque não queiram, mas pela maneira como somos obrigados a trabalhar. E, conseqüentemente, trabalhando dessa forma, acabamos tendo a nota como indicador do desempenho. Esse será o tópico principal do próximo capítulo que abordaremos.

Capítulo 2. À procura pelo ‘Santo Graal’ – a pedagogia do exame e a nota como cerne da aprendizagem

O aluno, [...], está à procura do ‘Santo Graal’ – a nota. Ele precisa dela, não importa se ela expressa ou não uma aprendizagem satisfatória; ele quer a nota. Faz contas e médias para verificar sua situação. É a nota que domina tudo; é em função dela que se vive na prática escolar (Luckesi, 2003: p. 24)

O valor do conhecimento é reduzido à obtenção da nota, a qual passa a ter um valor de troca, ou seja, troca-se o conhecimento aprendido por uma nota, já que esse conhecimento não serve de motivação para a aprendizagem. (Bertagna, 1997)

A noção de avaliação que baliza a prática de nosso sistema educacional é a de que a avaliação deve “representar com um número a aprendizagem do estudante” (Barriga, 2003). Desse modo, centra-se no exame toda a pedagogia que deveria estar centrada no processo de ensino/aprendizagem (Luckesi, 2003). Desde há muito tempo, “freqüenta-se a escola para obter notas” (Barriga, 2003) e, assim, conseguir a tão sonhada promoção para a etapa seguinte, que, nesse caso, é a próxima série. Como pontua Bertagna:

Parece que o cotidiano da sala de aula gira em torno da nota, que tem a função de classificar o aluno em aprovado e reprovado, por isso, a nota e consequentemente a aprovação e reprovação é que determinam o processo de ensino-aprendizagem (Bertagna, 1997: p. 17)

Essa perspectiva da pedagogia do exame centrada na nota é apoiada também por aqueles que deveriam ser os primeiros a contestá-la, i.e., os pais dos alunos. Seu interesse encontra-se em saber se seus filhos apenas alcançaram a média proposta pela escola. E o acompanhamento que fazem da vida escolar dos filhos dá-se, muitas das vezes, quando não unicamente, apenas através do acompanhamento do boletim.

Dentro dessa lógica das notas em detrimento do conhecimento, o comportamento dos personagens envolvidos é o seguinte: de um lado, temos os professores, que direcionam suas aulas de acordo com os exames; de outro, os alunos,

preocupados em fazer contas e médias para verificar sua situação (Luckesi, 2003: p. 24). E ainda os pais, ocupados com os resultados das provas. Nesse cenário, a nota passa a ter mais valor que o conhecimento.

Tal situação alcançou seu grau de aceitação por parte da sociedade em virtude de sua tradição. Ela é há tanto tempo feita assim que se crê não haver outro modo melhor de avaliar do que este. O que fazer, então, diante deste paradigma? Como indica Fernandes: “sabemos que mudar as práticas é algo demorado, que envolve uma série de disposições incorporadas nos sujeitos, relativas a valores, crenças, atitudes, conhecimentos” (2008: p. 97). Porém, Fernandes, citando Perrenoud, elucida essa difícil questão, ao expor que:

falar em mudanças na avaliação implica falar das relações entre as famílias e as escolas, da organização das turmas e de como tratar individualmente as necessidades dos alunos. Pensar a avaliação implica também pensar na didática e nos métodos de ensino, no contrato didático que se estabelece entre professor e aluno, na política institucional, nos planejamentos, nas questões curriculares, no sistema de seleção dos alunos e por fim, o autor ainda sinaliza que para mudar a avaliação também seria necessário pensar nas satisfações pessoais e profissionais, no sentido de que a avaliação é, segundo Perrenoud, fonte de estresse e preocupação para boa parte de alunos e professores (2008: p. 97,98)

2.1 Sadismo homeopático, a tortura nossa de cada dia – o poder da nota como instrumento de controle

“Avaliar é decidir. Decidir é dominar. Dominar é ter poder”.
(Gallo, 1995)

Em nossas escolas, avaliação é vista sob uma ótica que a contempla como um dispositivo que coordena e controla as práticas nas quais alunos e professores estão envolvidos. Como seres situados na história, na cultura e na instituição, e sendo o exame um meio através do qual os professores exercem poder sobre seus alunos, é de se esperar que as práticas avaliativas espelhem essas relações de poder. Como as avaliações não retratam somente aspectos cognitivos (Enguita, 1989), e por ser a sala de aula um espaço constituído pela heterogeneidade (Esteban, 2008), o poder coercitivo das avaliações atravessa outros campos que não somente os acadêmicos:

O fato de que os sistemas escolares, com frequência, avaliam os traços pessoais e o comportamento – notas em higiene, pontualidade, obediência, capacidade de

trabalho em equipe etc., etc. – independentemente do rendimento cognitivo, não deve levar a pensar que as notas propriamente acadêmicas estejam livres da influência dos aspectos não-cognitivos. Para o professor, torna-se pouco menos impossível não se deixar influir [...] pelo comportamento do aluno, medido pelo termômetro das exigências da instituição e das conveniências da gestão do grupo-classe. A maioria simplesmente incorpora de bom grado esses critérios às notas acadêmicas. (Enguita, 1989: p. 205)

Com esse cenário por pano de fundo, tem-se que a avaliação possui também uma dimensão que é a de controle não só da vida acadêmica dos alunos, mas também de vigilância de outros traços, fazendo com que o aluno se sinta como se estivesse constantemente sob um olhar panóptico (Foucault, 1999). Ademais, com toda essa estrutura de poder criada pelo exame, o professor impõe a lógica do medo, da dominação, da submissão ao mestre e à ordem em seus alunos, pois, em nossas salas de aula “o professor é aquele que tem o poder de dar a nota e, assim, aprovar ou reprovar o aluno” (Gallo, 1995). Em alguns casos (não tão poucos assim), esse poder concedido ao professor pela nota converte-se em um suplício diário aos alunos, que os leva a estudar “não porque os conteúdos sejam importantes, significativos e prazerosos de serem aprendidos, mas sim porque estão ameaçados por uma prova. O medo os leva a estudar” (Luckesi, 2003). Desse modo, os exames e uma possível nota baixa são usados como instrumentos de ameaça e tortura prévia dos alunos, tornando-se, assim, em uma tortura homeopática (Luckesi, 2003), um pouco aqui, um pouco ali. Luckesi (2003) menciona, ainda, que “a cada dia o professor vai anunciando uma pequena ameaça [...] Se preparem! [...] Sadismo homeopático”.

O objetivo desse modelo de educação autoritária pauta-se por uma relação hierárquica entre dominadores e dominados, na qual os alunos (“dominados”) devem cumprir com suas obrigações para que não sejam punidos, nesse caso, com uma nota abaixo da média e uma provável reprovação pelo professor (“dominador”). Como aponta Fernandes:

“O *habitus* incorporado pelos profissionais traz em si, ainda, um modelo tradicional de uma pedagogia fundamentada no acerto e no erro, na aprovação ou na reprovação, portanto num conceito de avaliação que se norteia por valorizar aquilo que não se aprendeu ainda e não no que já foi aprendido pelos alunos”. (2008: p, 97)

Tal quadro passa de largo àquele que entende a prática docente como “inacabada e contingente” (Da Silva, 2008: p. 12). É mais do que necessário, como postula Da Silva, que a prática docente realmente se torne “objeto de investigação, de indagação,

exigindo do professor e da professora uma postura reflexiva”, para que a sala de aula seja, de fato, “o laboratório dos que ensinam e dos que aprendem” com vistas a que “a prática pedagógica, ao ser objeto de pesquisa e de reflexão, torne-se práxis transformadora de si mesmo e do meio que a circunda” (2008, p. 12).

Capítulo 3. A verdadeira avaliação lança fora todo o medo – Avaliação como acolhimento – incluindo o aluno dentro do círculo

“Amarás o teu próximo como a ti mesmo”

“Faça aos outros o que queres que te façam”

“Provas e exames implicam julgamento, com conseqüente exclusão. Avaliação pressupõe acolhimento, tendo em vista a transformação” (Luckesi, 2003: 171)

A pedagogia que orienta a maioria de nossas instituições de ensino parece ser a pedagogia do medo. Com isso, somada ao suplício diário a que os estudantes são submetidos, acrescenta-se o temor pelas provas. Aprendizagem faz parte da existência, nos constitui, e, por isso, possibilita nosso permanente crescimento para a vida. A avaliação é um meio subsidiário do crescimento; meio subsidiário da construção do resultado satisfatório. Devemos levar em conta todos os sujeitos envolvidos nesse imenso procedimento denominado avaliação. Isto é, devemos levar em conta professores, alunos, instituição e demais participantes.

Tornar o aluno parte responsável pela elaboração de propostas para modificações no modelo de avaliação pode possibilitar uma visão abrangente (Fabron, 2002). Visão essa que corrobora com um pensamento que enxerga a avaliação como um processo multifacetado, inacabado e transitório.

3.1 – Provas / exames e avaliação da aprendizagem escolar

Muito pouco se tem debatido sobre os aspectos psicossociais da avaliação, o que Luckesi denomina ato amoroso. Durante longo tempo, professores e alunos têm vivido em uma relação como se inimigos fossem. Esse triste paradigma explica-se, aparentemente, devido às características do exame, contrárias às características da verdadeira avaliação. Diferenciando cada um deles, Luckesi esclarece que provas e exames implicam em julgamento, com conseqüente exclusão, ao passo que avaliação pressupõe acolhimento, tendo em vista a transformação (Luckesi, 2003: 170).

A avaliação, sob a ótica do exame, expressa uma concepção de educação que fragmenta o processo de aprendizagem do sujeito sem considerar a complexidade da dinâmica da construção do conhecimento.

3.2 – Alguns cuidados necessários com a prática da avaliação escolar

Há de se ter em mente que determinadas precauções devem ser tomadas no que diz respeito às práticas pedagógicas em nossas escolas. Em algumas situações, os professores só preparam os alunos para resolver eficientemente os exames e os alunos só se interessam por aquilo que representa pontos para passar no exame (Barriga, 2003). O exame é o instrumento organizador e regulador da aula de muitos professores. Barriga aponta que diversas instituições direcionam seu projeto pedagógico para a resolução de exames. Com exemplos, temos os inúmeros cursos preparatórios existentes, que se alastram como uma praga, sejam aqueles voltados para o vestibular, ou até mesmo aqueles voltados para os chamados “vestibulinhos”, que preparam crianças que deveriam ter seus interesses voltados para atividades de aprendizado mais lúdico e, no entanto, estão se preparando para enfrentar exames de ingresso. Essa perspectiva do exame massacra, suprime e tira dos alunos o interesse pela aprendizagem.

3.3 – Avaliação da aprendizagem como ato amoroso

A definição de avaliação como acolhimento traz em seu bojo o fato de a avaliação acolher atos, ações, alegrias e dores. Além disso, ao contrario do que pode ser observado na maioria de nossas escolas (do primário – como pesquisado – ao superior), a verdadeira avaliação tem a característica de não julgar ou selecionar. O julgamento aparece para dar curso à ação e não para excluí-la. O acolhimento integra, o julgamento afasta. O acolhimento inclui, o julgamento abandona.

Ao se ter em mente o fato de que é possível avaliar para acolher, amar e transformar, devem-se tomar decisões no sentido de criar condições para a obtenção de uma maior satisfação daquilo que se esteja buscando, isto é, construir conhecimento incluindo o aluno dentro do círculo de aprendizagem, tratando-o com o carinho que merece. Sendo assim, teremos um tipo de avaliação voltado para o crescimento do educando e não seu desamparo.

Avaliar deve pressupor auxílio ao educador e educando para que juntos possam prosseguir nessa fascinante turnê, que nada mais é que uma:

viagem comum de crescimento, [...] educador e educando, aliados, constroem a aprendizagem, testemunhando-a a escola, e esta à sociedade. A avaliação da aprendizagem neste contexto é um ato amoroso, na medida em que inclui o

educando no seu curso de aprendizagem, cada vez com qualidade mais satisfatória (Luckesi, 2003).

Considerações Finais

As instituições de acordo com a sociedade interferem nas expectativas, tanto dos professores como dos alunos, controla a conduta humana, estabelecendo padrões previamente definidos, que canalizam em sua direção por oposição a muitas outras que seriam previamente possíveis. É claro que problemas sempre existiram e que pouquíssimas sociedades foram estáveis durante um longo espaço de tempo.

Observo hoje, porém, o poder que foi transferido às instituições, poder de vida ou de destruição das atividades escolares, que ultrapassa todos os limites imagináveis. Tal poder poderá ser utilizado tanto para concluir um mundo melhor, quanto para explodir o mesmo. Eis a dramática alternativa que nos defrontamos: prega-se a valorização do ético para que se concretize a hipótese da construção de um mundo melhor, afastando em definitivo a ideia de explodir este mundo.

Assim sendo, os que analisam as tendências atuais, procuram extrapolar para o amanhã, alterando bastante, os fins e os meios da educação básica. Para isso, a escola deverá deslocar o seu interesse do conteúdo do ensino para a formação de atitudes positivas. Ao invés de introduzir informações ou aprimorar técnicas, devemos dedicarnos a formar cidadãos conscientes e críticos, que apreciem o estudo ou que possua habilidades genéricas, facilmente transponíveis de uma área para outra.

O meio exterior fornecerá, dia-a-dia, situações variadas que estimulem positivamente os professores, alterando para melhor nossas ideias, nossos sentimentos, nossos atos. Infelizmente, este mesmo ambiente pode nos apresentar experiências deseducativas, levando-nos a formular novas ideias, estruturando pré-conceitos, impulsionando-os a agir de forma um pouco construtiva, prejudicando o desenvolvimento harmônico do ensino.

Estas situações refletem uma deficiência de ensino, no que tange a avaliação. Surge na medida em que a maioria dos professores trabalham rotineiramente para aplicar seu espírito crítico, para alterar as praxes, que substituídas por outras mais simples, proporcionaria maior rentabilidade aos alunos. E assim, acabam por se acomodar com a situação vigente, sem a preocupação da busca de uma transformação.

Mas vejo que não só os professores que se acomodam. A população também se acomoda, no sentido de não cobrar dos professores e da administração uma organização e um desenvolvimento maior na educação. Esta visão aberta esclarecida que a população deveria ter, está sendo deixada de lado, culpa-se a falta de tempo por tal acomodação. Mas será este o verdadeiro motivo?

Talvez esta seja a forma mais simples, mais fácil que encontram para se afastarem de suas verdadeiras responsabilidades como a educação básica de seus filhos. Por todas estas questões é que não podemos perder a crença na educação brasileira, pois todos esperam que, somente a partir dela, é que poderemos construir um mundo melhor e mais digno para todos.

Logo, devemos ajudar o aluno a se responsabilizar pelo seu próprio progresso, a estudar pela satisfação de aprender e depender cada vez menos de critérios externos para conhecer o resultado que se aspira como a melhor evidência de sucesso no processo educativo.

REFERÊNCIAS

- BARRIGA, A. D. (2003) “Uma polêmica em relação ao exame”. In: ESTEBAN, M. T. (Org.) *Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos*. Rio de Janeiro: DP&A.
- BERTAGNA, R.H. (1997) *Avaliação da aprendizagem: a visão dos alunos de 4ª e 5ª séries do 1º grau*. Campinas, SP.
- DA SILVA, J. F. (2008) “Introdução: avaliação do ensino e da aprendizagem numa perspectiva formativa reguladora”. In: DA SILVA, J. F. et al (Orgs.) *Práticas avaliativas e aprendizagens significativas em diferentes áreas do currículo*. Porto Alegre: Editora Mediação.
- ENGUIITA, M. T. (1989) *A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- ESTEBAN, M. T. (2003) (Org.) *Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos*. Rio de Janeiro: DP&A.
- ESTEBAN, M. T. (2008) “Pedagogia de projetos: entrelaçando o ensinar, o aprender e o avaliar à democratização do cotidiano escolar”. In: DA SILVA, J. F. et al (Orgs.) *Práticas avaliativas e aprendizagens significativas em diferentes áreas do currículo*. Porto Alegre: Editora Mediação.
- FABRON, E. M. G. (2002) “Significado da Avaliação de Aproveitamento Escolar para o Aluno”. In: RAPHAEL, H. S. & CARRARA, K. (Org.) *Avaliação sob exame*. São Paulo: FAPESP, Editora Autores Associados.
- FERNANDES, C. O. (2008) “Avaliação escolar: diálogo com professores”. In: DA SILVA, J. F. et al. (Orgs.) *Práticas avaliativas e aprendizagens significativas em diferentes áreas do currículo*. Porto Alegre: Editora Mediação.
- FOUCAULT, Michel (1999) *Microfísica do poder*. 14ª ed. Org. & Trad.: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- GALLO, S. (1995) “Educação e Controle”. In: *Revista Sinpro Cultura*. ano XII, nº 23, julho. Campinas, SP.
- LUCKESI, C. C. (2003) *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. 15ª ed. São Paulo: Cortez.
- SOARES, M. B. (1978) “Avaliação educacional e clientela escolar”. In: PATTO, M. H. S. (Org.) *Introdução à psicologia escolar*. São Paulo, PUC.
- VILLAS BOAS, B. M. de F. (2008) *Virando a escola do avesso por meio da avaliação*. Campinas, SP: Papirus.

Espaço interativo: compartilhando ideias, construindo conhecimentos

*“Quando se sonha sozinho é apenas um sonho.
Quando sonhamos juntos é o começo da realidade”.*
(Dom Quixote)

Este trabalho surgiu de um sonho em lutar contra algo que no começo era apenas um incômodo e que o tempo e os estudos mostraram que era um grande problema, não meramente pessoal, mas social.

Todo o esforço e empenho em escrevê-lo se fez por quisermos que outras pessoas enxerguem os problemas presentes na tradicional maneira de avaliação inserida no sistema capitalista.

Assim, espero que este sonho que aqui me moveu, seja de tantos outros e que, juntos, uma outra realidade possa ser traçada, já que, sozinhos, sonho é apenas um sonho.

Na intenção de compartilhar este sonho, gostaria de compartilhar este trabalho e, por isso, seguem as páginas em branco. As páginas que se seguem são um convite à interação. Interação dos leitores com o conteúdo do trabalho e entre os próprios leitores.

Acredito que o conhecimento nunca é algo pronto e estático. Sendo ele dinâmico, o conhecimento é construído pelo confronto e compartilhamento de idéias. Por isso, a criação deste espaço, para que ele possa acolher os pensamentos que sempre surgem quando estudamos algo.

Estas páginas que se seguem pedem para deixar de serem brancas, para serem preenchidas por pensamentos que concordem com o que o trabalho diz ou que discordem de seu conteúdo. Elas querem registrar reflexões de um que podem provocar outros. Querem possibilitar para que todos contribuam para o enriquecimento deste trabalho, trazendo novas indagações que levem a outros estudos ou que despertem outras práticas.

Espero que os leitores deste trabalho façam bom uso deste espaço contribuindo com críticas positivas ou negativas sobre o que foi lido, além de idéias ou pensamentos sobre os temas aqui tratados: nota, avaliação e escola. Alternativas de práticas, fatos reais, sugestões etc, tudo o que for relevante aos temas é bem-vindo. Não se faz necessário assinar em baixo, entretanto, quem quiser discutir mais sobre os temas podem deixar um contato eletrônico.

Não deixem de se expressar. Não fiquem mudos. Mudem!

“O mundo não é. O mundo está sendo.”
(Paulo Freire)

Adriana Machado de Oliveira Rodrigues
e-mail: drikamachado@hotmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais- CCH
Escola de Educação - EE

MONOGRAFIA II

ALUNO(A)/matrícula: Adriana Machado de O. Rodrigues
TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: Avaliar, sim... mas como?

ORIENTADOR(A): CLAUDIA DE OLIVEIRA FERNANDES

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: Maria Elene Viana Souza

Nota: 8,0

Considerações:

A aluna desenvolveu um trabalho de grande relevância para a área educacional, pois, o tema avaliação é complexo, polêmico e exige reflexões amadurecidas. Nesse sentido, a aluna conseguiu fazer um texto coerente e compus metódico com o tema.

O trabalho representa também uma etapa vencida com acréscimos de conhecimentos, ou melhor, trazendo os acréscimos de conhecimentos para a aluna e para a área.

A aluna buscou fazer relações entre a teoria e a prática, mas, somente nos primeiros capítulos. Seria desejável ser explorado mais essa relação nos outros capítulos.

DATA: 22/12/2009

Assinatura: Maria Elene Viana Souza

SEGUNDO AVALIADOR

Professor orientador: CLAUDIA DE OLIVEIRA FERNANDES

Nota: 8.0

Considerações:

O trabalho cumpre as exigências de um texto monográfico; está bem escrito e apresenta uma temática sempre atual: auto-hipótese e sua função no espaço escolar. Foi feita uma revisão bibliográfica importante e com autora representação do campo e pertinentes e atuais. Além disso, foi realizado um trabalho de campo que muito contribuiu para a qualidade do trabalho, necessitando substituir de uma maior relação com o referencial teórico utilizado.
Parabéns pela formatura.

Data: 22/12/2009

Assinatura: C/Fernandes

RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Média final
8.0	8.0	8.0

Rio de Janeiro, 22 de Dezembro de 2009.

C/Fernandes

Prof. Orientador